

PERCURSOS ESPIRITUAIS: O “DESERTO”
DO BUÇACO NA OBRA SOLEDADES DE
BUÇACO DE D. BERNARDA DE LACERDA

Natália Maria Lopes Nunes

FCSH-UNL, IELT, IEM, CH-FLUL

PERCURSOS ESPIRITUAIS: O “DESERTO” DO BUÇACO NA OBRA *SOLEDADES DE BUÇACO* DE D. BERNARDA DE LACERDA¹

SPIRITUAL PATHWAYS: THE “DESERT” OF BUÇACO IN THE WORK *SOLEDADES DE BUÇACO* OF D. BERNARDA DE LACERDA

RESUMO BIOGRÁFICO

Natália Maria Lopes Nunes é professora, doutorada em Literatura Portuguesa Medieval. Pós-Doutoramento na área da Literatura Profana e Mística do Gharb al-Andalus. Autora de vários artigos, no âmbito da literatura medieval e do al-Andalus e tradicional/oral, assim como do legado árabe e islâmico e da misticismo comparado cristão e islâmico.

Na FCSH-UNL, docente dos cursos “A Poesia do Gharb al-Andalus”, “O Legado Islâmico do al-Andalus”, “Introdução à Literatura do al-Andalus” e “História e Cultura do al-Andalus”. Investigadora integrada do IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional - patrimónios, artes e culturas) e colaboradora do IEM (Instituto de Estudos Medievais) e do CH-FLUL (Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa).

nlunes@hotmail.com

RESUMO

As montanhas exerceram desde sempre um fascínio, quer pela beleza, quer pela tranquilidade. Ao longo dos séculos, as diversas religiões, incluindo as religiões monoteístas, escolheram as montanhas para a vida espiritual.

A Serra do Buçaco respondeu perfeitamente à espiritualidade da Ordem do Carmelo, após as reformas de Santa Teresa, no sentido de se tornar um “deserto”, espaço de purificação e de união com Deus. Porém, as maravilhas deste local sagrado foram descritas por Bernarda de Lacerda que, em 1634, escreveu uma obra magnífica em verso sobre a vida dos Carmelitas Descalços.

ABSTRACT

The mountains have always been a fascination, both for beauty and tranquility. Over the centuries, various religions, including monotheistic religions, have chosen mountains for spiritual life. The Serra do Buçaco responded perfectly to the spirituality of the Order of Carmel, after the reforms of Saint Teresa, in the sense of becoming a “desert”, a space of purification and union with God. However, the wonders of this sacred site were described by Bernarda de Lacerda, who in 1634 wrote a magnificent work in verse about the life of the Discalced Carmelites.

¹ Não foi usado o acordo ortográfico.

Nas religiões politeístas, as montanhas são lugares onde habitam os deuses e as deusas. Dioniso, Apolo, Hermes, Pan, Artémis e Cíbele, entre outros, têm em comum os espaços montanhosos, onde se praticavam os rituais em sua honra. As montanhas são, assim, os espaços de epifanias de algumas divindades e onde se estabelecem relações estreitas entre o homem e a divindade. Por outro lado, as grutas, as árvores, as fontes e os rochedos das montanhas são também elementos e espaços ligados a algumas divindades. Para além disso, nas civilizações mais arcaicas, a montanha, ou serra, era local iniciático nos rituais de passagem, onde o neófito teria de efectuar uma série de provas para ascender à idade adulta. Nas diversas religiões, a montanha tem sido igualmente um espaço importante e nela se operam fenómenos sobrenaturais considerados milagres. A altitude estabelece as relações entre um mundo superior e um mundo inferior, entre o Alto (Céu) e o Baixo (Terra). Esta relação remete igualmente para as Religiões de Mistérios, sobretudo para os cultos de Cíbele (a Grande Mãe) e de Dioniso. Ambos os cultos estão associados ao espaço sagrado da montanha: «l'altitude, avec le symbolisme vertical, met directement en contact avec la divinité». (BOZONNET, 1979 : 58)

Mais tarde, as religiões monoteístas seguiram o rasto das religiões mais antigas e arcaicas, escolhendo as montanhas como espaços sagrados para os seus cultos. A invocação de Nossa Senhora do Carmo deve-se à devoção mariana no monte Carmelo, local onde o profeta Elias venceu os sacerdotes de um dos deuses do paganismo, Baal. Segundo o relato bíblico (I Reis 18: 20,41) Elias teve uma visão da Virgem do Carmo sob a forma de uma nuvem que se dirigia para o monte Carmelo. Este acontecimento deu origem à fundação da ordem mais antiga – a Ordem do Carmelo – com devoção a Nossa Senhora por parte de alguns cruzados que se refugiaram no respectivo monte, para aí viverem a sua união com Deus. Todavia, já no ano 93, alguns cristãos gnósticos tinham construído uma capela no local, onde já se cultuava a Virgem.

No século XVI, Teresa de Ávila reforma a Ordem do Carmelo, apelidando-a de Ordem da Virgem. Esta denominação é bastante enfatizada por Teresa de Ávila ao considerar a Virgem como patrona dos Carmelitas: «Marie est la souveraine et Patronne du Carmel; se montrer bienveillant pour les carmélites, c'est "rendre service à Marie"». (NATIVITÉ, 1952: 854) Para além disso, o ideal de santidade estava presente na Ordem e os Carmelitas Descalços procuraram retomar a vivência dos Padres do Deserto. As reformas de Santa Teresa, também ela inspirada pelos primeiros anacoretas, através das suas leituras sobre esses percursos da espiritualidade, trouxeram esse desejo de criar alguns “desertos”, daí o surgimento do “deserto” do

Buçaco. Através deles, o homem afastava-se da sociedade, reprimia os seus desejos e vontades, mortificava-se até atingir Deus na sua plenitude. Como afirma Célia Borges:

O desprezo pelo mundo, pelas riquezas e pelas honras, a opção por uma vida de pobreza e penitência austera, atraiu, como se viu, muitos religiosos e leigos em busca da santidade. Mortificar a vontade, humilhar-se e obedecer compunham um extenso rol de virtudes apreciadas por aqueles que queriam alcançar uma vida interior iluminada pela graça divina. Os religiosos do deserto do Bussaco, seguidores dos místicos da Ordem, Santa Teresa e S. João da Cruz, aplicavam-se nos exercícios oracionais em busca da contemplação. O caminho para a mística implicava o despojamento da razão, dos sentidos e dos apetites – a chamada «noite dos sentidos», nas palavras de S. João da Cruz. Um indício da orientação espiritual é o acervo encontrado na biblioteca deste eremitério. A rigor, não sabemos o que se lia nos mosteiros, seja como for, existe um inventário da biblioteca de Santa Cruz do Bussaco, onde consta uma longa lista de livros de religiosos da Ordem, com obras de Teresa de Jesus e de S. João da Cruz, bem como uma literatura dedicada à alta espiritualidade e nela aparecem autores como Henrique Harphius, S. Boaventura, Serafino de Fermo; e a completar esta variedade havia também os livros da vida dos santos. (BORGES, 2011: 200-201)

Além disso, Teresa de Ávila vem propor também um modelo mais austero, onde os eremitérios e “desertos” passam a ter um papel fundamental no caminho espiritual da Ordem. Como afirma Luciano Patetta:

Los Santos Desiertos eran complejos monásticos nacidos en España al final del Siglo XVI, fruto de aquel ferviente misticismo de la Contrarreforma que caracterizó el periodo de Felipe II. También los Carmelitanos, que para la regla primitiva (1210) contemplaban el aislamiento ermitaño (el Carmelo, comenzando por el de Tierra Santa, era destinado para quienes “qui contemplationi totam vitam deputant”, estableciendo que “singuli singulas habeant cellulas separatas”) se habían transformado, con el transcurso de los siglos, en orden mendicante, y alejándose de las normas se habían transferido a las ciudades y frecuentaban escuelas y universidades. Como reacción, en la segunda mitad del Siglo XVI, Santa Teresa de Ávila (asistida por San Juan de la Cruz) introdujo la reforma de la Orden, promoviendo el retorno a la austeridad y el retiro en sedes eremíticas. Santa Teresa misma fundó en 1562, en las

afuera de Ávila, el primer convento de los Carmelitanos Descalzos, como un verdadero "locus conclusus". (PATETTA, 2001: 1126)

Então, as serras e montanhas foram espaços convertidos em “desertos”, onde se construíam igrejas, pequenos oratórios, caminhos de cruz, ou mesmo conventos, como se pode comprovar na Serra do Buçaco. No espaço sagrado da serra, procurou-se uma vida eremítica e as bençãos ou os milagres contra doenças, epidemias, secas ou outras bençãos. Os vestígios existentes e os monumentos da Serra do Buçaco demonstram que a serra foi lugar privilegiado. À sua importância, junta-se ainda a localização geográfica, onde o homem pode estar em comunhão com uma natureza de extrema beleza. Este aspecto é muito importante, fazendo justiça a Platão que, na sua obra *Leis* (677 b-c), considera que a humanidade deve a sua sobrevivência às montanhas.

Além disso, a montanha substituiu o deserto oriental. Se nos séculos III e IV os homens e as mulheres procuravam o deserto para levarem uma vida de solidão, longe dos prazeres do mundo profano, a montanha/serra (ou os espaços elevados em geral) passou a ser um local de refúgio, onde os eremitas procuravam o Paraíso na paisagem serrana e onde o ascetismo era a forma de estar também perto de Deus. O ascetismo era vivido como uma experiência de salvação, era então normal que o eremita se sentisse já num lugar sagrado, próximo das esferas celestes, um lugar superior pela sua sacralidade face à realidade quotidiana, um lugar que lhe permitisse efectivar esta ascensão espiritual que a montanha simbolizava já na paisagem. (DELAPLACE, 2005: 224)

A Serra do Buçaco, pelas suas características e vestígios, foi espaço eleito para espiritualidade, ou seja, um lugar ideal para o combate espiritual, interior, feito através de vários exercícios, nomeadamente a devoção, o jejum, as recitações, as vigílias e os cânticos. Neste sentido, a serra era o lugar do êxtase e da união com Deus, a última etapa da via ascética ou mística.

O amor místico é fundamental na experiência do místico. Contudo, esse sentimento é um amor puro que abrasa e conduz ao êxtase e, conseqüentemente, à união com Deus. No entanto, a ideologia da união amorosa com Deus sofreu também a influência de S. Gregório de Nissa. Neste sentido, foi importante o monaquismo cristão dos primeiros séculos do Cristianismo baseado na vida ascética, na oração e no jejum, com destaque para os testemunhos de João Cassiano, para a doutrina de Evágrio e de S. Gregório Magno e para o Pseudo-Dionísio. Em suma, os grandes

representantes do monaquismo egípcio e sírio, entre os séculos IV e VI, exerceram uma grande influência na vivência espiritual dos séculos XII e XIII. Mas se o deserto em si era espaço de eleição para os primeiros místicos, nos séculos XII e XIII, o deserto podia ser também numa montanha ou serra, pois o fundamental era estar afastado do mundo profano. Esse espaço, considerado um deserto, seria, pois, local de refúgio, de penitência e de aproximação a Deus.

Inspirados no exemplo de Jesus Cristo, fundaram-se ordens religiosas baseadas na pobreza como um valor evangélico, segundo o qual o homem devia de abandonar, voluntariamente, todas as riquezas e bens materiais, mas também devia de fazer votos de castidade e de obediência, como forma de encontrar Deus. Exemplo disso foram as ordens mendicantes, nomeadamente a dos Carmelitas. As várias etapas de purificação do místico consistiam na mortificação corporal, jejum, ascetismo, silêncio, recitação e oração, contemplação, paciência, sofrimento e gratidão.

Dentro deste contexto ligado à espiritualidade, a Serra do Buçaco foi também motivo de alguns poemas místicos, como por exemplo, a obra *Soledades de Buçaco*, obra escrita por uma mulher, D. Bernarda Ferreira de Lacerda [Fig.1], escrita no convento feminino do Convento de S. Alberto de Lisboa, em 1634. D. Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644), era portuense e tinha grande prestígio em Portugal e Espanha. A obra *Soledade de Buçaco* é escrita em caste-

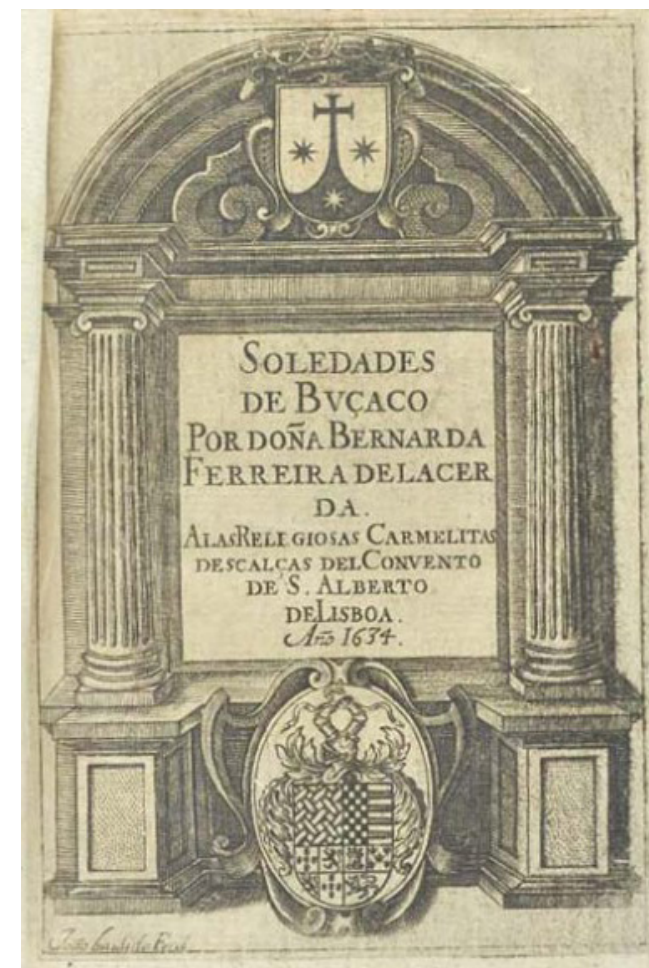


Fig. 1. Capa da obra *Soledades de Buçaco* de Bernarda Ferreira de Lacerda (foto do exemplar trabalhado neste artigo).

lhano, pois a sua autora considera que é uma língua clara e comum (aspectos que refere no prefácio da obra e cuja opção reflecte os acontecimentos históricos e políticos da sua época). Como afirma Óscar Lopes e António José Saraiva:

Uma das consequências deste academismo é a falta de cunho nacional. A Restauração não se reflecte imediata e visivelmente no plano literário, porque, como grupo social, que eram, destacado da massa, os literatos portugueses da segunda metade do século XVII, segundo a tradição, continuavam a procurar os seus modelos na poesia da corte filipina [...]. Mantém-se inclusivamente em moda o uso da língua castelhana, principalmente nos géneros mais nobres ou então mais retintamente espanhóis, como os romances de rima única e assonante. (LOPES; SARAIVA, 2000: 442)

O castelhano era a língua usada na época na Península Ibérica. O facto de usar essa língua revela também os conhecimentos e sabedoria de D. Bernarda Ferreira de Lacerda. *Soledades de Buçaco* é uma obra dividida em vinte partes. Algumas páginas (poucas) são em língua portuguesa, existindo ainda alguns excertos em latim e italiano. Curiosamente, a obra encerra com uma carta anónima, onde se louva a sua autora e se procura demonstrar o carácter verídico de tudo o que é descrito e mencionado sobre o “deserto” do Buçaco, sendo, assim, aprovado tudo o que foi escrito em verso.

Foi ainda considerada uma obra de grande erudição, onde a autora retrata a vida contemplativa dos que viveram nesse “deserto”. D. Bernarda Ferreira de Lacerda confere uma ancestralidade ao lugar, referindo a presença dos lusitanos e dos romanos nas terras do Buçaco, «La primera habitación/De los Lusitanos Martes [...] / Assombro de los Romanos/Fue su valor indonmable». (LACERDA, 1634: 9)

A Serra do Buçaco teve sempre um papel importante e essa importância e ancestralidade atravessou diversas épocas, estando também presente no período muçulmano. Como refere Paulo Simões:

O termo “Buçaco” será uma derivação da designação latina de “Boscum sacrum”, ou seja Bosque Sagrado ou ainda de “Sublaco”, nome que teria sido dado pelos religiosos beneditinos da região, recordando a gruta de Sulaco, perto de Roma. De qualquer forma este ficou conhecido como Buçaco até aos dias de hoje no qual o papel dos monges foi preponderante. [...]

As origens do Buçaco remontam ao século VI d.C., quando os sarracenos, depois da Batalha de Guadalete em 711, entraram na Península Ibérica com a destruição e ocupação de muitos conventos. O rei mouro Alboacem, um dos primeiros reis muçulmanos a governar na Península, com um domínio territorial que se estendia desde os rios Alva e Mondego até Águeda (Santos, 1993), além de permitir a permanência dos monges no mosteiro de Lorvão, em Penacova, também os isentou ao pagamento de tributo. O Buçaco ficou, desde então, conhecido pelos antigos como a serra da Alcoba, termo de origem árabe. (SIMÕES, 2010: 49)

O espaço foi concedido por D. Juan Manuel aos Carmelitas Descalços, para aí fundarem um deserto, «Porque Portugal gozasse/De cielo dentro en su suelo». (LACERDA, op., cit., 13) Assim, a serra do Buçaco, como afirma a autora, foi transformada no Carmelo:

*Mas luego que las ermitas
Y choças del sacro yerno
De Buçaco enriquecidas
De descalços estuvieron
Como fueron secretarias
De sus altos sentimientos,
Y soberanos impulsos,
Tuvo vida el gran Carmelo.* (IDEM, 106)

Ao longo da obra, a autora descreve a paisagem magnífica da serra do Buçaco, uma natureza luxuriante (muitas das vezes, personificada) com todas as suas plantas: muitas árvores e bosques com plátanos, álamos, loureiros, musgo, diversas flores, violetas, espargos, urtigas, manjerona, jasmim, lírios, narcisos, tapetes floridos de várias cores, etc [Figs. 2 e 3]. Grande destaque para as árvores pela sua diversidade e pelos frutos e aromas que exalam em toda a serra:

*Los arboles incognitas
Índios Persas, Arabigos
Te ofrezcan ricas davidas,
Y centos aromaticas.* (IDEM, 113)



Fig. 2. O arvoredor do Buçaco (foto de Natália Nunes).



Fig. 4. A água, fonte de vida, numa das fontes do Buçaco (foto de Natália Nunes).



Fig. 3. Algumas das espécies de plantas no Buçaco (foto de Natália Nunes).

Para além disso, destaque ainda para as rochas, cavernas, rios, ribeiros, fontes cristalinas e nascentes [Fig. 4]. Na descrição de toda esta paisagem, verifica-se que a autora domina bem a mitologia greco-latina, nomeadamente algumas figuras, como Apolo, Minerva, Diana, etc., assim como os autores clássicos. Muitos dos deuses pagãos comungam e partilham da paisagem paradisíaca do Buçaco. Através destas referências a obra deixa transparecer a grande formosura da Serra do Buçaco, não existindo outra igual, superando mesmo as montanhas, ou outros espaços da mitologia greco-romana. Os animais também são diversos, de entre eles, javalis, cervos, corças, lobos, lebres, coelhos, várias aves que quebram o silêncio do espaço do Buçaco, garças, perdizes, etc.

Nesse espaço sacralizado da Serra do Buçaco, os místicos «buscavam refúgio para os seus males, abrasados no amor

divino. As celas eram pequenas e demonstravam grande pobreza e a vida desses homens era vivida com pouca comida, sendo o jejum contínuo e uma obrigação «Que comer no se permite». (IDEM, 33) Faziam sete meses seguidos de jejum (sem fruta, excepto nos dias festivos), não comiam comida cozinhada, alimentavam-se de ervas ou de frutos campestres. O “deserto” do Buçaco era ainda considerado a árvore da vida, onde existiam diversas ermidas:

*Aquel divino desierto
Que Buçaco denomina,
Y es también denominado
Del árbol de nuestra vida.
Se muestra sembrado a trechos
De solitarias Ermitas.* (IDEM, 34)

A pobreza desses homens era visível, pois não desejavam bens materiais, apenas os bens celestes, sendo os ermitãos comparados, metaforicamente, aos anjos. Eles ocupavam o tempo com a contemplação, exercitando também o conhecimento. A via espiritual preconizada por Santa Teresa de Ávila, baseada na contemplação e na união com Deus, veio revolucionar a vivência dos Carmelitas Descalços, desencadeando em alguns países, nomeadamente em Portugal, um grande interesse pela via mística e pela ascese. Durante os séculos XVI, XVII, e também XVIII, vai desenvolver-se, na Península Ibérica, um ideal de santidade motivado, em parte, pela ideologia da Contra-Reforma. A espiritualidade mística adquiriu um valor importante e muitos foram os homens e as mulheres que aderiram à ascensão espiritual, baseando-se nos ideais preconizados por Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz, São Pedro de Alcântara, entre outros, também eles influenciados pelos seus antecessores. Para isso, contribuiu a leitura das suas obras que circularam entre religiosos e leigos, despertando o interesse pela vivência mística e por determinadas práticas religiosas:

*Es su ocupación, y trato
La contemplación divina,
Y el propio conocimiento
En que humildes se exercitan.* (IDEM, 36)

Além disso, as suas paixões e desejos carnavais eram crucificados com mil mortificações. Porém, também se dedicavam a alguns ofícios, para combaterem o ócio:

*Cestos e espuertas texidas
De las hojas de las palmas
Que allí crecen sin medida.
[...]
También de corcho hacen vasos,
Cuentas, Cruces, y baxillas
Cuyo modo artificioso
El oro, y la plata embidian.
Este los cilicios texe,
Aquel haza disciplinas,
El otro las calaveras
En tosco palo esculpidas. (IDEM, 36-37)*

Mas os livros sagrados também eram objecto de estudo, de interpretação para além do seu sentido literal, uma forma de ocupação do tempo, a fim de atingirem o conhecimento:

*Uno a sombra del aliso
Con la escritura divina
Místicos sentidos saca
De sus literales minas.
Otro junto de la fuente
Mira en los libros las obras
De los Santos Eremitas. (IDEM, 37)*

Sendo o êxtase uma das características ligadas à contemplação, muitas das vezes, estavam nesse estado e o seu amor tirava-lhes o sono e o repouso, deixando-os em vigília constante, procurando no céu o alento para as suas vidas. A noite era uma companheira e faziam dela o dia, através da qual contemplavam as estrelas, ouviam o silêncio da noite e todas as manifestações divinas na terra. Tinham como companhia apenas as aves nocturnas e o som das fontes e nascentes sobre as rochas. Sobre a vida contemplativa, P. Jean de Jésus-Hostie refere o seguinte :

La vie contemplative comporte un ensemble de conditions extérieures, de règles de conduite, de pratiques de piété, toutes destinées à placer l'âme dans les dispositions les plus favorables pour arriver à la contemplation. Mais pour utiles qu'elles soient, ces conditions ne suffisent pas à faire des contemplatifs. Il y faut de plus l'attitude intérieure, préconisée par saint Jean de la Croix, et cette attitude est possible partout, avec la grâce de Dieu et le recours à Marie. Elle doit même être conservée partout et en toute occasion. On ne devient contemplatif qu'en y mettant le prix, et ce serait une grosse illusion de prétendre contempler pendant le temps de l'oraison, sans s'y appliquer le reste du temps. Il faut prier sans cesse et ne jamais cesser. (JÉSUS-HOSTIE, 1951: 79)

O “deserto” do Buçaco era, assim, um desterro rigoroso onde os anacoretas viviam livres das paixões mundanas, felizes no amor divino, gostando ainda de enterrarem-se vivos, uma forma simbólica de “morrer” para as coisas deste mundo, para renascerem espiritualmente.

*Es aquel santo desierto
De rigor, y amor prodigio,
Que allí por amor se sufren
Rigores mas que excesivos.
Libres del amor humano,
Y presos de amor divino
Sus felices moradores
Gustan de enterrarse vivos. (LACERDA, op. cit., 39)*

Nove horas do dia eram dedicadas à Igreja e oração e entoavam hinos. A vida, no “deserto” do Buçaco, era apelativa para os que seguiam o caminho espiritual e o amor divino. Os carmelitas eram comparados, metaforicamente, às flores que vivem no jardim do Buçaco, sendo ainda soldados que lutavam naquele local sagrado tão próximo do céu, ou seja, de Deus. A exortação dessa vida expressa-se, por exemplo, nos seguintes versos:

*Vivei, vivei venturosos
Divinos habitantes
Que deste jardim sois flores
Deste Céu sois luminosos*

*Soldados que valerosos
De pelear não cansais,
Vivei por merecer mais
Neste sagrado deserto
Donde o Ceo tendes tão perto
Que longe da terra estais. (IDEM, 96)*

O “deserto” do Buçaco tinha também cavernas onde permaneciam felizes os anacoretas, longe dos olhares e do convívio humanos:

*En tus cavernas concavas
Les das dulce habitáculo
Con mas preciosas câmaras
Que de aposentos áulicos
De sus felices animas
Eres divino tálamo
De gozan sacros ósculos
Libres de humano trafago. (IDEM, 112-113)*



Em suma, a serra do Buçaco e as construções realizadas pela Ordem dos Carmelitas Descalços reflectem a ideologia espiritual, sobretudo dos séculos XVI XVII. O “deserto” do Buçaco, através da sua Via-Sacra [Fig. 5], lembrava ainda o martírio de Cristo, uma metáfora do percurso espiritual dos frades que aí consagraram a sua vida à contemplação. Segundo Paulo Simões:

Fig. 5. Pequena capela da Via Sacra inserida na luxuriante paisagem do Buçaco (foto de Natália Nunes).

O Convento dos Carmelitas Descalços é fruto de uma religiosidade de clausura e penitência longe das comodidades e das solicitações mundanas, com ele inicia-se, uma presença de dois séculos que marcou decisivamente este lugar. Abriram-se caminhos e ermidas, cujo património diverso é composto por vários cruzeiros, capelas e fontes, bem como a reconstituição da Paixão de Cristo, com a construção no Sacromonte, constituído por uma Via-Sacra de 20 passos. (SIMÕES, 2010: 58)

Em conclusão, a obra *Soledades de Buçaco*, através da monja carmelita descalça, D. Bernarda de Lacerda, exalta a beleza da criação, inspirada na serra, como uma manifestação de Deus. Metaforicamente, a Serra do Buçaco tornou-se o *axis mundi*, um lugar de transcendência entre o céu e a terra, um espaço puro, o Monte Carmelo, que permite a ascensão espiritual dos homens, aproximando-os de Deus. Os místicos, em harmonia com a natureza continuaram a orar e, hoje, são ainda visíveis os vestígios de um passado religioso do qual a Serra do Buçaco guarda os segredos das manifestações da mística cristã ligadas à Ordem dos Carmelitas Descalços.

Nesse espaço sacralizado através dos tempos, o homem encontrou repouso e a absolvição dos seus pecados. O Buçaco, foi, assim, um espaço de purificação onde os Carmelitas Descalços, através das suas vivências e da contemplação, atingiram o êxtase, aproximando-os de Deus. Nas palavras de José Saramago, não há palavras para descrever esse espaço, apenas podemos compreender o Buçaco, vivenciando-o, pois ele é, na verdade, uma das manifestações da beleza divina:

A mata do Buçaco absolve os pecados conjuntos de Manini e do viajante (...). Aqui é serva a água, servo os animais que se escondem na espessura ou por ela passeiam. O viajante passeia, entregando-se sem condições, e não sabe exprimir mais do que um silencioso pasmo diante da explosão de troncos, folhas várias, hastes, musgos esponjosos, que se agarram às pedras ou sobem pelos troncos acima e quando os segue com os olhos dá com o emaranhado das ramagens altas tão densas que é difícil saber onde acaba esta e começa a aquela. A mata do Buçaco requer as palavras todas e estando ditas elas, mostra como ficou tudo por dizer. Não se descreve a mata do Buçaco. O melhor ainda é perder-nos nela (...). (SARAMAGO, 1995, in SIMÕES, 2010: 71).